



SABORES QUILOMBOLAS DE MATA CAVALO: TÁTICAS DE RESISTÊNCIA FRENTE À EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Cristiane Carolina de Almeida Soares (PPGE/UFMT) – pedrapapeletesoura@gmail.com

Regina Aparecida da Silva (UFR) – rasbio@gmail.com

GT 6: EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMUNICAÇÃO E ARTE

Resumo:

A comunidade quilombola de Mata Cavalo luta há mais de cem anos pela posse definitiva de suas terras e atualmente é ainda mais excluída pela atual política brasileira. Em meio a todo processo de exclusão e discriminação, a ação exploratória desta região, iniciada no período colonial, obteve continuidade com o avanço da exploração capitalista, onde uma das graves consequências foram a degradação ambiental, a ausência de infraestrutura e as perdas culturais. Dentre os aspectos mapeados neste caminho investigativo, destaco os que se relacionam com a alimentação desse quilombo. Como objetivo, busco relacionar as comidas típicas, provenientes do cultivo em terras quilombolas, como uma das táticas de resistência frente ao colapso climático, que atinge de forma ainda mais avassaladora, comunidades como a do quilombo de Mata Cavalo. O Mapa Social, como escolha metodológica, possibilitou diálogos que pudessem compreender dimensões culturais enquanto táticas de resistência, para o enfrentamento dos conflitos e defesa do território. Ao estudar os aspectos da alimentação enquanto manifestação cultural, foi possível o desenhar da luta pela visibilidade, para, assim, alimentar as esperanças quilombolas em legitimar seus hábitos ancestrais.

Palavras-chave: Quilombo de Mata Cavalo. Comida. Cultura. Resistência.

1 Introdução

As comunidades quilombolas sempre lutaram arduamente pela posse definitiva de suas terras, e atualmente, são ainda mais excluídas pela atual política brasileira. Em meio a todo esse processo de exclusão, há que se destacar um processo discriminatório proveniente do período colonial. A exploração do ambiente e destas pessoas, obteve continuidade com o avanço do capitalismo, onde algumas das consequências mais latentes foram a degradação ambiental, a ausência de infraestrutura e as perdas culturais.

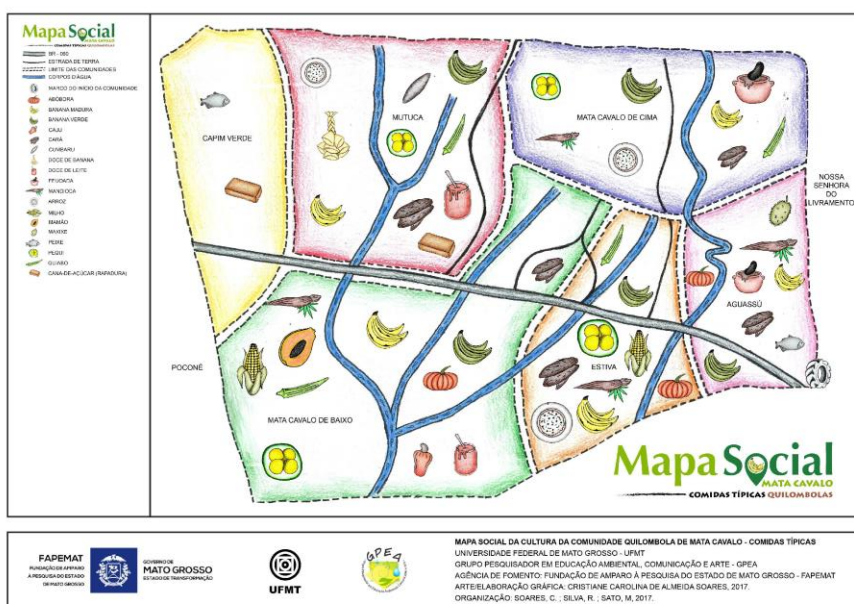
Há que se ressaltar a herança cultural brasileira, caracterizada pela inferiorização dos africanos que vieram escravizados para o Brasil, e o tratamento de subalternização, que culturalmente, foi engendrado nos hábitos brasileiros, desumanizando-os e negando suas histórias de vida (ALMEIDA, 2018), escamoteado em um conceito de democracia racial, o qual Nascimento (1978) descreve como a sustentação de um modelo de supremacia racial, onde os brancos representam os dominadores, restando aos negros a obediência e a eterna gratidão, por terem sido “civilizados”. Desta forma, o racismo se estabelece e se enraíza em nossa cultura.

Em meio a tantas dificuldades e preconceitos, a resistência deste povo é legitimada na luta diária, no trabalho, estudos, atividades do cotidiano e práticas culturais. Para Castilho (2008), ainda que estas pessoas se encontrem com dificuldades econômicas extremas, organizam-se na luta, por meio das associações e pautas de lei, em busca de um dia, obter respeito e dignidade.

O presente trabalho representa uma das dimensões investigadas em uma pesquisa de mestrado realizada nos anos de 2016 e 2017, denominada “Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavallo: diálogos da arte, cultura e natureza”, em Mata Cavallo, situado nas proximidades do município de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso. Esta dissertação foi elaborada por mim, junto ao GPEA-UFMT (Grupo pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte), sob a orientação e coorientação das professoras Regina Silva e Michèle Sato, respectivamente.

Na ocasião do referido estudo, foram identificados diversos aspectos da situação de vulnerabilidade socioambiental em que esta comunidade se encontra (SOARES, 2018), por meio de mapas pictóricos (FIORI; ALMEIDA, 2005), esboçados de forma participativa nas oficinas de mapeamento social (SILVA, 2011), entre os pesquisadores do GPEA e membros da comunidade, onde forma construídos, de forma colaborativa com a comunidade, os mapas pictóricos que representaram as dimensões que entrelaçam a cultura e a natureza: os marcos históricos, as expressões artísticas, as comidas típicas (Figura 01) e as festas, demarcadas nas respectivas associações em que se encontram.

Figura 01 – Mapa social da cultura quilombola de Mata Cavallo – Comidas Típicas



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT. Arte de Cristiane C. A. Soares. Mato Grosso, 2017.

Sensibilizados pela arte-educação-ambiental (QUADROS, 2013), os moradores da região indicaram aspectos representativos na luta e na resistência, conflitos socioambientais, mas, sobretudo, revelaram uma cultura repleta de singularidades, junto à necessidade de preservação da natureza, como forma de manutenção de seus hábitos ancestrais.

Dentre os aspectos mapeados neste caminhar investigativo, destacamos os que se relacionam com a alimentação desse quilombo. Neste momento, trataremos do que se relaciona com as comidas típicas de Mata Cavallo. Por meio delas, foram revelados danos culturais e ambientais, relacionadas a alguns hábitos ancestrais que estão se perdendo entre as gerações, devido às consequências do colapso climático¹, que, para Dalla-Nora (2018), atinge com maior frequência e intensidade, os grupos em situação e vulnerabilidade.

2 Desenvolvimento

2.1. Objetivo

Como objetivo, buscamos relacionar as comidas, provenientes do cultivo em terras quilombolas, como uma das táticas de resistência frente ao colapso climático, que atinge de forma ainda mais avassaladora, comunidades como as do quilombo de Mata Cavallo.

2.2. Metodologia

O Mapa Social, como escolha metodológica, possibilitou diálogos que pudessem compreender dimensões culturais enquanto táticas de resistência, para o enfrentamento dos conflitos e defesa do território.

2.3. Sabores da caminhada investigativa

Por meio dessa trajetória investigativa, foram percebidos os frutos da terra, como uma das fortes características da cultura quilombola, sendo que a agricultura de subsistência representa uma das principais atividades econômicas da região. Santos

¹ Nas terminologias da educação ambiental propostas pelo GPEA, enfatizamos maior responsabilidade pela degradação ambiental aos humanos, assim como o jornal britânico ‘The Guardian’ substituiu termos como ‘mudança’ por ‘crise’, ‘colapso’, ‘emergência’, e outros que destacam os impactos fulminantes e irreversíveis à vida no planeta (SOUZA; et al, 2019; LUIZ, 2019).

(2017) reverencia o cultivo da terra e a valorização das ervas nativas com uma grande importância, sendo também praticada em uma das disciplinas inseridas no ensino escolarizado de Mata Cavalu: as Práticas Agrícolas Quilombolas (PAQ). Alguns relatos de pessoas da comunidade, revelam a importância da fauna e flora para a subsistência local e até mesmo para a manutenção da economia solidária.

Muitas famílias quilombolas tiram seu sustento da agricultura familiar, que, conforme Neves, Caetano e Polini (2011), quando organizada de forma coletiva, representa um contraponto à hegemonia capitalista, constituindo a educação popular, que procura valorizar as experiências e saberes da comunidade. Ressaltamos no presente estudo, o quanto a degradação ambiental representa sérios prejuízos a todo modo de vida quilombola, pois as perdas das espécies nativas da região, representam o desequilíbrio ecossistêmico, que, conforme o Fórum Mundial pela Soberania Alimentar (2007), interferem, sobretudo, no direito de decisão sobre um sistema alimentar e produtivo que tende a preservar os aspectos naturais, históricos, econômicos e sociais.

Por esta trilha investigativa, guiada pelos relatos de um povo ancestral, reluziram hábitos que vieram dos tempos da escravidão, e que ressaltam os sabores que permanecem até os dias atuais. Alimentos como banana, mandioca, milho, abóbora, dentre outros, são amplamente consumidos, produzidos para serem vendidos in natura, ou sob a forma de farinhas, doces, biscoitos, bolos, salgados e pratos típicos. Dentre os relatos da comunidade, até mesmo as fibras e cascas podem ser aproveitadas, para adubar plantas ou fazer artesanato. Entretanto, dentre os diálogos estabelecidos, foram reveladas as perdas culturais, provenientes da ausência de algumas espécies vegetais e animais, ocasionadas pela crise climática que assola o quilombo, provenientes do desmatamento, erosão ou mesmo a expansão da soja na região.

Loureiro (2006) afirma que um dos alimentos mais apreciados em Mato Grosso são os peixes, especialmente em regiões banhadas por rios e córregos. Contudo, pouco se relatou o consumo destes que, conforme Amorim (2017), se tornaram escassos na região, por conta do mercúrio proveniente dos garimpos, e as águas dos contaminadas dos rios impossibilitaram a fartura de tempos idos. A escassez de água no quilombo também prejudica a irrigação de plantas, como por exemplo a horta comunitária da escola quilombola, que, de tempos em tempos, deixa de produzir.

Frutos como o babaçu, também não mais são encontrados com facilidade, pois o desmatamento desta e de outras espécies se tornou frequente, para dar lugar ao plantio das monoculturas, comercializadas pelos fazendeiros da região. A riquezas naturais

deixam de estar disponíveis para o usufruto da comunidade. Manfrinate (2011) afirma que a palha do babaçu é parte importante na construção das casas quilombolas, pois sua espessura oferece uma cobertura resistente aos telhados. As fibras também são úteis na fabricação de artesanato. Todavia, a ausência desta variedade, representa a falta de elementos que promovem a manutenção dos modos de vida dessas pessoas.

Por meio de relatos, percebe-se a alteração na produção da mandioca, devido ao colapso climático, que alteram consideravelmente o ciclo de produção deste alimento. Ainda que esta espécie seja produzida, seu ciclo fica prejudicado e a qualidade não é mais a mesma, refletindo na alteração da qualidade de bolos, farinhas e outros derivados.

Até mesmo a forma como os alimentos são preparados, interfere na manutenção da cultura local. Alguns bolos e biscoitos não são mais produzidos, ou deixaram de ser trabalho coletivo, pois o que, tradicionalmente, era servido gratuitamente nas festas populares, passaram a ser vendidos individualmente. No entanto, Kawahara e Sato (2015) ressaltam a importância dos valores de aprendizagem transmitido através das gerações. Brandão (1984), compreende as festas como a simbiose de diversas manifestações da arte e da cultura popular. Quando estes hábitos coletivos se reduzem ou deixam de existir, parte importante da cultura se perde no tempo.

Conforme afirma Santos (2017), a morosidade que envolve a regularização fundiária de Mata Cavalo, acaba afetando a autonomia alimentar das famílias que lá vivem, pois acabam confinadas em pequenos espaços, aguardando locais definitivos. Além disso, o cerceamento da circulação deste povo se constitui com a invasão e crescimento das fazendas, prejudicando o direito de ir e vir dos quilombolas, prejudicando também a coleta dos frutos da terra.

Mesmo em meio a tantas privações, dificuldades e falta de oportunidades, o povo de Mata Cavalo procura se organizar de tempos em tempos, nas casas das famílias e no espaço da única escola quilombola da região, com as festas de santo, celebrações culturais, feiras, eventos escolares, processos formativos, reuniões das associações e muitos momentos coletivos, onde as trocas de conhecimento popular ajudam este povo a ter visibilidade (SOARES, 2018).

Nesses momentos, os saberes e sabores ainda podem ser apreciados e compartilhados. Os pratos típicos quilombolas sempre agradam o paladar dos moradores e visitantes, especialmente em eventos anuais que acontecem na comunidade: festas religiosas (que homenageiam santos, orixás ou celebrações das igrejas evangélicas), feiras culturais, de

artes e da economia solidária. A beleza e as cores do quilombo ficam evidentes nas bandeirinhas, estandartes e andores, bem como os cabelos e adornos desse povo ancestral.

3 Conclusão

Ao estudar os aspectos alimentação enquanto manifestação cultural, foi possível o desenhar da luta pela visibilidade, para, assim, alimentar as esperanças quilombolas em legitimar seus hábitos ancestrais.

Desta forma, foi possível esboçar a luta pela visibilidade quilombola. O mapear de sabores traduziu uma imensa riqueza cultural, mas também os desejos e sonhos coletivos de um povo que resiste frente ao racismo, opressão e desigualdades profundas. Ao desenhar esta pesquisa, percebemos que Mata Cavalo “não é meramente local de trabalho, mas essencialmente território de vidas, que pulsam ao sabor das brisas, ora na aridez da alma, ora na virtude em continuar a luta sob o nome da esperança” (SILVA, 2011, p. 72).

Ainda que a comunidade busque a resistência em todos os seus momentos de labuta cotidiana, não há uma receita pronta para a conservação desse território. Quando a extinção de diversas formas de vida passa a interferir na manutenção cultural de um território ancestral, é necessário saborear, coletivamente, os diálogos da arte-educação-ambiental, na sensibilização quanto às amargas perdas sofridas, refletindo sobre os danos que podem ser evitados, propondo articulação e formação política. Para que o respeito à diversidade floresça, é necessário que os frutos da terra permaneçam a alimentar os hábitos dos antepassados quilombolas.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMORIM, Priscilla Mona. **Latas d’água nas cabeças: percepções sobre natureza e cultura na escola e na comunidade quilombola de Mata Cavalo.** 2017, 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Culturas, família e educação na comunidade negra rural de Mata-Cavalo-MT,** 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

DALLA-NORA, Giseli. **A água e a cartografia do imaginário nos climas de três territórios geográficos**. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: 2018.

FIORI, Sérgio Ricardo; ALMEIDA, Regina Araújo. Cartografia Turística: uma Experiência com Mapas Pictóricos e Convencionais. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 5., 2005, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Nuevastecnologias/Cartografiatematica/07.pdf> Acesso em: 30 set. 2021.

FÓRUM MUNDIAL PELA SOBERANIA ALIMENTAR. **Declaração de Nyélény**. Nyelényi, 2007. Disponível em: <https://nyeleni.org/spip.php?article327> Acesso em: 28 set. 2021.

KAWAHARA, Lucia Shiguemi Izawa; SATO, Michèle Tomoko. **Festa de São Pedro e serviços ecossistêmicos culturais**: aprendizagens de um grupo pesquisador em educação ambiental no Pantanal. REVBEA – Rev Brasil Educação Ambiental, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 221-240, 2015.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense**: festas de santo e outras tradições. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas**: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalu. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NEVES, Camila; Emanuella Pereira; CAETANO, Edson; POLINI, Ilza Nunes da Cunha. **Trabalho, educação e economia popular solidária**: vivências no Mato Grosso. In: TORRES, Artemis; SEMERARO, Giovanni (Orgs.). Sobre saberes, educação e democracia. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 33-56.

QUADROS, Imara Pizzato. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão**: a arte popular da canoa pantaneira. 2013. 372f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2013.

SILVA, Regina. **Do invisível ao visível**: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

SANTOS, Déborah Luíza Moreira. **Território, luta e educação**: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalu. 2017, 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2017.

SOARES, Cristiane Carolina de Almeida. **Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavallo**: diálogos da arte, cultura e natureza. 2018. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

SOUZA, Cássia; SATO, Michèle. Justiça climática e educação ambiental. In: PEREIRA, V.; MADEIRA, M.; SOUZA, E.; STEUCK, E. (Orgs.) **Educação Ambiental em tempos de crise**: por uma Ontologia da Esperança. Juiz de Fora: Garcia Edizioni, 2019.